

múltiplas nuances socializadoras; os papéis limítrofes ou discrepantes; os determinantes da escolha profissional.

Para desvelar tais focos, buscamos sustentação analítica na convergência de referenciais do interacionismo simbólico, da sociologia fenomenológica do conhecimento e da psicologia perceptual e genética. A ênfase se dirigiu para as dimensões percebidas, interiorizadas e representadas em

um contexto institucional de relações de papéis e de poder.

Ao longo do trabalho, realçamos as contradições expressas em um perfil – singular e institucional – de conformidade, resistência e construção. Nesse movimento, localizamos possíveis aberturas para a produção de nova realidade institucional, pautada por redefinições consentidas e socialmente descentradas.

A história na memória: uma contribuição para o ensino da história de cidades

LANA MARA DE CASTRO
SIMAN

Orientadora:
Eliane Marta Santos Teixeira Lopes

Data da defesa:
28/11/88

Este é um trabalho de reconstituição da história de uma cidade: Governador Valadares, antes Figueira do Rio Doce.

Dois motivos principais me impulsionaram para a realização deste trabalho: a recuperação da “arte de contar histórias”, pois ele foi construído fundamentalmente através de memórias de seus velhos moradores; e a convicção de que essa arte detém um grande potencial pedagógico para o ensino de História. Daí, cidade, memória e História.

Este trabalho encontra-se organizado em três partes, correspondentes a três grandes momentos da história da cidade: a colonização da região, sua constituição e a sua consolidação. Essas três partes estão subdivididas, internamente, em vários pequenos capítulos, cuja sequência nem sempre obedeceu a uma ordem cronológica, mas, sim, à simultaneidade dos acontecimentos no tempo.

Na primeira parte – a colonização da região – reconstituo como se deu a origem mais remota da cidade. A intenção principal é a de registrar o que tem sido silenciado, esquecido, não transferido oralmente de gerações para gerações: a história do extermínio dos primeiros habitantes da região, os índios botocudos, durante o Século XIX.

Na segunda parte – a constituição da cidade – evidencio as principais referências em torno das quais Figueira do Rio Doce se desenvolveu: o porto, a estação, o mercado. Ressalto, ainda, as relações sociais que se mostraram dominantes no processo de ocupação da região, bem como a articulação entre essas relações e o desenvolvimento do distrito de Figueira do Rio Doce.

Na terceira parte – a consolidação do urbano – acompanho o movimento em que a cidade vai-se “deslocando” do campo, passando a dominá-lo. Perigo, também, os momentos de maior

A leitura na escola de Primeiro Grau: gerando o desprazer do texto?

MARIA THEREZINHA SAAD
BEDRAN

Orientadora:
Magda Becker Soares

Data da defesa:
22/11/88

Esta dissertação discute duas grandes questões: a primeira diz respeito à interferência da variável classe social no trabalho escolar de leitura “recreativa”. A segunda refere-se aos elementos da ação escolar que levam o aluno a criar aversão pela leitura de livros.

Foi observado o trabalho com leitura de livros (leitura “recreativa” em duas escolas da rede pública estadual, uma que serve às camadas populares e outra que atende às classes dominantes). Os procedimentos utilizados foram entrevistas com professoras, pedagogas, bibliotecária e auxiliar de biblioteca, conversas informais com professoras e alunos, questionário aplicado aos alunos e observação de aulas de biblioteca. Conclui-se que há diferenças entre as classes sociais em termos do convívio com o livro, do processo de socialização experimental, das formas de acesso a esse mate-

rial e das concepções de leitura. A escola, todavia, não dá valor a tais informações e parte do princípio de que todos possuem a mesma familiaridade com o livro e lhes atribuem o mesmo valor.

Conclui-se, ainda, que a despeito da classe social a que sirvam, as escolas cultivam a mesma concepção pragmática da leitura, forçando o aluno a ler, impondo-lhe livros que ele não escolheu e obrigando-o a submeter-se formalmente a uma avaliação, através de uma interpretação única e linear do lido. Diante de tais exigências, o aluno se retrai e se afasta do livro.

Apesar de a grande maioria dos docentes trabalhar essa concepção utilitária da leitura, foram identificadas três (3) professoras que cultivam a leitura como fruição e experimentam com seus alunos um outro tipo de convivência com o livro que lhes possibilita outras visões do mundo e das gentes.